

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTE

KATIANE DOS SANTOS



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Apresentação

A Arte e seu ensino são alvos constantes de desvalorização, geralmente atribuído às relações com o processo histórico, que se apresenta como fruto da colonização. Muitas vezes é concebida como trabalho manual, acessório cultural ou até mesmo refinamento da elite social. Outro aspecto que se relaciona à desvalorização, no que respeita ao ensino, é o fato de a Arte não ser considerada uma forma de conhecimento. No entanto, são concepções errôneas. Afinal, sabe-se que a Arte, como área de conhecimento já é legalmente legitimada. Portanto, basta fazer com que isso seja reconhecido no trabalho pedagógico.

É certo que ainda existem muitas problemáticas referentes à prática educativa da Arte, das quais se destacam a atuação polivalente do professor, com diversas linguagens artísticas, o desconhecimento dos demais profissionais da educação da Arte como forma de construção de conhecimento, da concepção do ensino de Arte apenas como expressão pessoal ou enfatizada no fazer artístico, sem conteúdos próprios, além de problemas relacionados à dificuldade de programas de ensino bem elaborados.

Faz-se necessário utilizar-se de critérios na elaboração de programas de ensino, com objetivos bem definidos, tendo conteúdos estruturantes e específicos estabelecidos numa sequência lógica, bem como técnicas de avaliação no desempenho do trabalho didático e também do aluno. Além disso:

[...] para um efetivo ensino de arte é preciso que o professor tenha, além de uma formação adequada e atualizada, a consciência de que toda a mudança que se faz necessária implica em conhecer a essência da expressão das linguagens artísticas e como ela se desenvolve no campo da educação e como se aplica à realidade do aluno (BIASOLI, 1999, p. 21).

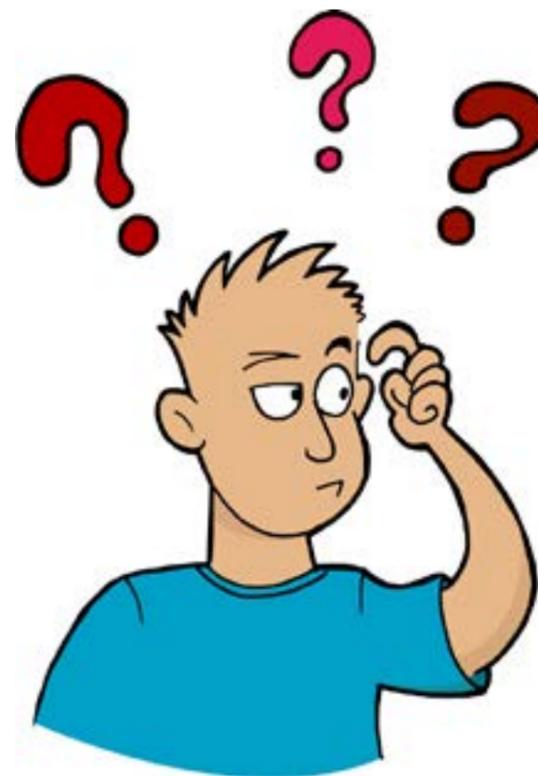
Atentando para os fatores mencionados é que, com este *e-book* pretende-se discutir os direcionamentos atuais da Arte e seu ensino porque se considera imprescindível que o licenciado em Arte compreenda as distorções dos atuais paradigmas de ensino da Arte, propondo uma mudança inicial no momento de formação.

Assim, a proposta deste material é orientar a prática didática, visando a organização e planejamento das ações pedagógicas no ensino da Arte. São discutidas a construção de metodologias, o estabelecimento do planejamento em Arte, a importância da elaboração de materiais didático-pedagógicos de qualidade e a avaliação, seus tipos e funções, no processo educativo.

Metodologia do ensino da Arte

Há uma constante em relação às questões do tipo: como ensinar Arte? Ou ainda uma de suas variáveis: como ensinar arte para tantos alunos? Como ensinar Arte em tão pouco tempo? Como ensinar Arte sem condições adequadas de trabalho? Entre tantas outras indagações do gênero.

Imagem 1: Dúvida



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biagioni/549657056>

Parece um pouco frustrante e, a partir de um jargão, é possível responder aos questionamentos anteriores dizendo que não existem receitas. O fato é que a compreensão contemporânea do processo educativo como algo específico a um contexto se apresenta avesso a um estereotipado caráter prescritivo de uma receita. E, mesmo que fosse passível de ser condicionado à uma receita, sabe-se que fatores alteram o resultado final de uma lista de elementos e modo de fazer. Lembrem-se de quantas vezes utilizou-se de receitas culinárias e mesmo assim a comida pretendida não ficou igual a de quem lhe passou, ou da imagem vista em um *site* ou vídeo.

Do mesmo modo acontece com o processo educacional em Arte. A realidade, a quantidade de alunos, os recursos didáticos, entre outros, alteram o resultado pretendido. Ao longo da história do ensino da arte muitas receitas foram produzidas e divulgadas, no entanto, as fórmulas sempre foram reelaboradas ou reinventadas por vários motivos. Basta fazer uma pesquisa rápida na rede mundial de computadores ou simplesmente consultar um livro didático da área para serem encontrados ingredientes e descrições de como fazer. O problema é que, sozinhos, esses componentes não se transformam no produto final de uma forma única, há que se saber a realidade para ser efetivada a receita.

Imagem 2: A receita



Fonte: CIPRIANO, Lúcia Helena Ribeiro; WANDRESEN, Maria Otília Leite.
Coleção Linhas e Entrelinhas: Letramento e Alfabetização. 2º Ano. 4. ed. Curitiba:
Positivo, 2011. p. 226 e 227.]

Desse modo, discorre-se sobre métodos e metodologias, conceitos e variações ao longo do tempo, tomando os sentidos mais aproximados da etimologia, entendendo-os como caminho e investigação para a resolução de uma problemática.

“A metodologia pode ser considerada como método em ação, onde os princípios do método (atitude inicial, básica e de percepção da realidade e suas contradições) estarão sendo mencionadas na realidade da prática educacional.” (FUSARI, 1988, p. 18).

Dentre as várias concepções dadas à metodologia, considera-se que a mais apropriada à disciplina em questão é a de um “[...] conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências” e o “[...] uso cada vez mais eficaz das técnicas de procedimento de que dispõem.” (ABBAGNANO, 2003, p. 669).

Do mesmo modo que o método, independente da forma como é compreendida, assumida e usada, a metodologia pressupõe sistematização, consciência e domínio sobre um processo de aquisição de conhecimento. No ensino da Arte os encaminhamentos educativos, ou encaminhamentos metodológicos

[...] constituem-se em um conjunto de ideias e teorias educativas em arte transformadas em opções e atos que são concretizados em projetos ou no próprio desenvolvimento das aulas de Arte. São ideias e teorias (ou seja, posições a respeito de ‘como devem’ ou ‘como deveriam ser’ as práticas educativas em arte) baseadas ao mesmo tempo em propostas de estudiosos da área e em nossas práticas escolares em arte e que se cristalizam nas propostas e aulas. (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98).

Teoria e prática não se dissociam nas ações metodológicas previstas pelas autoras, pois não há como fazer sem compreender ou compreender sem fazer e desenvolver um conhecimento significativo. Além disso, no processo de conscientização ou ampliação da consciência, há que considerar as condições de vida dos alunos e professores, utilizando técnicas diferenciadas e competentes para ensinar e aprender conteúdos. Assim,



A metodologia educativa na área artística inclui, portanto, escolhas pessoais e profissionais do professor quanto aos conteúdos de arte, que são contextualizados e organizados para que o aluno possa fazer, sentir, apreciar e refletir sobre a arte. Refere-se também à determinação de métodos educativos, ou seja, de trajetórias pedagógicas, com procedimentos e proposições de atividades para se ensinar arte. Abrange ainda princípios, objetivos educacionais e as opções de materiais, técnicas e meios de comunicação para a produção artística e estética nas aulas. (FERRAZ & FUSARI, 2009, p. 141)

A metodologia refere-se aos encaminhamentos educativos selecionados, orientações didáticas que visam formar os alunos cidadãos conhecedores de arte, que vivenciam experiências estéticas e artísticas, posicionando-se e expressando-se criticamente, a partir das linguagens. No entanto, para a concretização de tais objetivos educacionais, uma grande parcela da responsabilidade recai sobre o professor.

Para saber mais sobre a atuação do professor de Arte no decorrer dos tempos e na atualidade leia o breve texto do arquivo.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009) os professores de Arte, demonstram compromissos, perspectivas e valores assumidos no trabalho educacional. Para tanto, devem estar atualizados nas transformações sofridas pela área, para propor ações escolares atraentes e contemporâneas, capazes de criar um pensamento crítico nos educandos, envolvendo o fazer, o entender, o vivenciar e o sensibilizar com base na Arte. É um trabalho árduo que envolve paciência e dedicação.

Sobre o assunto assista ao vídeo e estabeleça relações com o que foi discutido até aqui.

Planejamento em Arte

Planejamento: 1. Ato de planejar; 2. Organização de uma tarefa com a utilização de métodos apropriados; 3. Determinação de ações para atingir as metas estipuladas por uma empresa, órgão do governo etc.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZNDAK>

O planejamento consiste numa atividade de previsão da ação a ser realizada, implicando definição de necessidades a atender, objetivos a atingir dentro das possibilidades, procedimentos e recursos a serem empregados, tempo de execução e formas de avaliação. O processo e o exercício de planejar referem-se a uma antecipação da prática, de modo a prever e programar as ações e os resultados desejados, constituindo-se numa atividade necessária à tomada de decisões. (LIBÂNEO, 2001, p. 123)

Portanto, o planejamento refere-se à organização de algo, objetivando êxito no resultado. É uma atividade sistemática, da qual as metodologias fazem parte. De acordo com Ferraz e Fusari (2009), métodos, procedimentos e técnicas de ensino e aprendizagem são componentes do planejamento, tido pelas autoras um processo de decisão,

que resulta em planos de ensino e projetos de educação para o desenvolvimento de um curso.

As autoras indicam que, para um plano de ensino ser elaborado com eficiência é necessário estar de acordo com a realidade em que será aplicado. Mas de que modo isso pode ser feito? Uma das formas é por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, “[...] documento este produzido pelo coletivo escolar e orientador dos planos, projetos e aulas dos professores.” (FERRAZ & FUSARI, 2009, P. 144).

Para saber mais, veja a descrição do que é, como se constituem e qual a função dos principais documentos orientadores das ações escolares.

Veja também um exemplo de Projeto Político Pedagógico.

Além do Projeto Político Pedagógico, o encaminhamento do processo educativo em Arte deve estar de acordo com a legislação em vigor que, no caso, resumidamente toma por referência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, a Base

Nacional Comum Curricular – BNCC e as Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica do Paraná – Arte. Os textos podem ser consultados nos *links*:



Desse modo, o planejamento segue um currículo formal que se adapta à realidade escolar, tendo certa flexibilidade, sendo continuamente discutido no âmbito escolar. Ferraz e Fusari (2009, p. 144) destacam que “[...] as atividades propostas aos alunos devem integrar o Projeto Político-Pedagógico da escola e centralizar-se no fazer, sentir e no pensar sobre a arte e garantir processos criadores e imaginativos.” Tal prática faz com que o discente corresponda aos desafios lançados pelo docente.

Mais que a elaboração de um bom projeto, Ferraz e Fusari (2009) também ressaltam a importância do registro, para que seja passível de revisão e avaliação constante. Essa prática documenta o processo educativo, legitimando o trabalho do professor e facilitando identificar acertos e erros.

Acreditamos que o hábito de narrar e registrar as atividades ajuda o professor a acompanhar, analisar e avaliar etapas de seu trabalho, ou seja, ajuda-o a refletir e aperfeiçoar suas ações docentes e,

principalmente, pesquisar, discutir e partilhar seus conhecimentos, sentimentos e experiências com os colegas de profissão. (FERRAZ & FUSARI, 2009, p. 145).

O ato de registro, bem descrito, além de auxiliar o docente e os colegas de profissão, facilita a compreensão do modo como a disciplina é pensada e organizada para outras pessoas interessadas, indicando que não é uma prática docente ausente de planejamento, destituída de reflexão crítica. Verifica-se assim a importância da documentação nos seus vários aspectos: organização, avaliação, legitimação e valorização.

Imagem 5: Planejamento



Fonte: <http://educaraovivo.com/planejamento-escolar/>

Para tornar ainda mais clara a organização do trabalho pedagógico em arte, na sequência apresentar-se uma síntese dos componentes curriculares básicos que se inter-relacionam no planejamento e no desenvolvimento do processo educativo, demonstrando o caminho percorrido que vai do professor aos alunos de arte.

Quadro 1- Componentes curriculares básicos do planejamento

PROFESSORES DE ARTE	São os profissionais situados em um contexto sociocultural e sujeitos responsáveis pelo processo prático e teórico da educação escolar em arte. Incorporam uma história individual e social tanto em <i>saber arte</i> quanto em <i>saber educação escolar em arte</i> . Apresentam compromissos, necessidades e possibilidades de melhoria – e de avaliação – de suas práticas e teorias sobre a arte e também sobre educação escolar em Arte junto aos alunos.
OBJETIVOS EDUCACIONAIS EM ARTE	São as metas (ou pontos de chegada) a serem atingidas na escolarização em arte a curto, médio e longo prazos. Explicitam as ações culturais mais essenciais e abrangentes que os alunos devem ser capazes de praticar à medida que dominem os saberes, habilidades, hábitos, atitudes e convicções artísticas e estéticas aprendidos no curso. Indicam as possibilidades que os ajudem a formarem-se como cidadãos culturais no mundo contemporâneo. Os objetivos devem ser sempre avaliados com relação à sua significação sociocultural e à finalidade educativa escolar em arte (ajudar a compreender, interpretar e melhorar a cultura de seu país).
CONTEÚDOS ESCOLARES EM ARTE	São os assuntos substantivos em arte a serem trabalhados nos cursos. São aspectos essenciais selecionados pelos professores dentre os conhecimentos artísticos e estéticos produzidos historicamente e em produção pela humanidade nas diversas modalidades artísticas (música, artes visuais, teatro, dança, artes audiovisuais, dentre outras). Referem-se ao ‘o que’ deve ser o objeto de estudo no fazer artístico pessoal (a concretizar-se em produtos artísticos) e nas análises sobre artistas, obras de arte, modos de comunicação, públicos e suas histórias. Articulam-se aos objetivos e finalidades educacionais escolares propostos em arte e demais componentes curriculares. A relevância e sentido cultural dos conteúdos selecionados devem ser objeto de avaliação.

continua...

...continuação.

<p>MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTE</p>	<p>São caminhos educativos a serem percorridos durante o curso com os alunos. Organizam-se por meio de etapas sequenciadas (início, meio e fim de uma ou mais aulas) e de diversas técnicas pedagógicas (observação, pesquisa, problematizações artísticas e estéticas, jogos individuais ou em grupos de alunos) selecionadas para o desenvolvimento das <i>atividades</i> em que os alunos assimilem novos saberes, habilidades, hábitos, atitudes, convicções em arte. Caracterizam-se pelos ‘modos pedagógicos de fazer’ os cursos e aulas de tal maneira que os alunos vivenciem processos de produção e de entendimento sensíveis-cognitivos da arte que ainda devam aperfeiçoar e conhecer. Esses ‘modos pedagógicos de fazer’ são avaliáveis e articulam-se com os conteúdos e objetivos escolares selecionados para o curso de arte, bem como com os demais componentes curriculares.</p>
<p>MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESCOLARES EM ARTE</p>	<p>São os diversos materiais didáticos e mídias já produzidos, contendo informações e possibilidades de comunicações entre arte (livros, textos, gráficos, quadros, recortes, fotografias, exposições e reproduções de obras de arte, objetos, áudio-cassetes, discos, filmes, vídeos, multimídias) são selecionados para uso comunicacional durante a relação educativa (presencial ou a distância) entre professores e alunos; articulam-se aos objetivos, conteúdos e métodos propostos para as aulas de arte e aos demais componentes da trama curricular. O uso pedagógico de combinações entre essas ‘mídias’ nas atividades educativas escolares em arte é sempre avaliável.</p>
<p>ALUNOS DE ARTE</p>	<p>Encontram-se situados em um contexto sociocultural e são sujeitos co-responsáveis pelo processo de educação escolar em arte, incorporam uma história individual e social de produção artística e de entendimento estético nas várias modalidades de arte; apresentam potencialidades, objetivos e necessidades para diversificar e melhorar – avaliar e ser avaliado – em seu ‘fazer e entender’ sensível-cognitivo em arte.</p>

Fonte: Adaptado de quadro-síntese elaborado, em 1989, por Maria F. de R. Fusari e Maria Heloísa C. de T. Ferraz. Com base em vários estudos, dentre os quais os de: Fusari, J. C. (1988); Libâneo, J. C. (1985); Luckesi, C. C. (1986); Saviani, D. (1980); Veiga, I. P. (1988) apud Ferraz & Fusari (2009, p. 146-147).

Para articular de fato os componentes curriculares básicos, as autoras estabelecem uma sequência ordenada de ações de observação e avaliação a fim de se obter, de modo contínuo, a aprendizagem artística e estética dos alunos, analisando os saberes que os alunos ainda não dominam, promovendo o aprofundamento e aprendizagem pela realização e compreensão de produções artísticas e suas histórias. As autoras também sugerem discussões periódicas, para a reorganização do planejamento.

Porém, mesmo destacando-se o papel do professor no ato do planejamento, faz-se necessário entender que a atividade compete a toda comunidade escolar: professores, gestores, pedagogos, funcionários, pais e alunos. Afinal a escola é um ambiente de gestão democrática e todo o processo é previsto e avaliado por todos os envolvidos.

Imagem 6: Gestão democrática



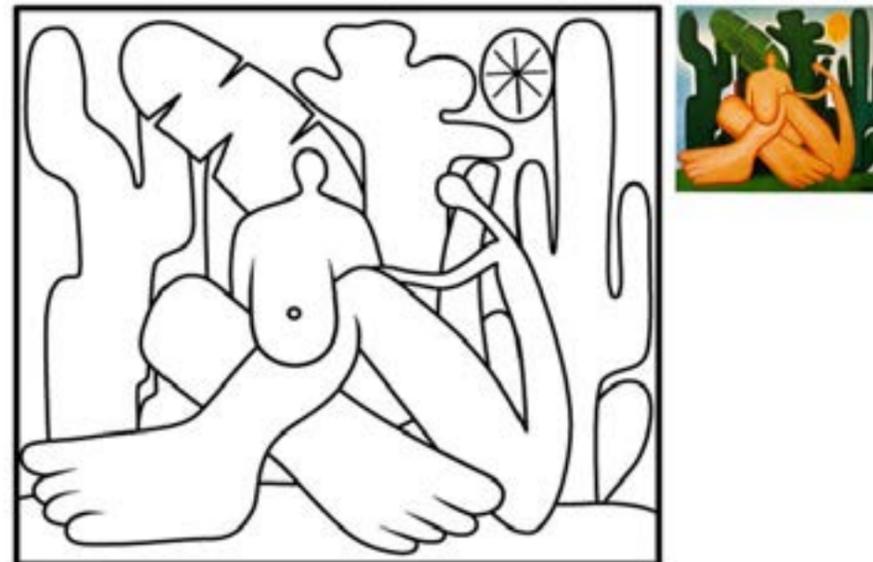
Fonte: <https://especialdeadamantina.wordpress.com/2012/01/07/planejamento-escolar-2012/>

Ser professor de Arte

Há pouco tempo atrás, o ensino de arte era realizado por professores sem formação específica que, por inúmeras vezes, restringiam o ensino de arte apenas à práticas simplistas, como por exemplo, de levar ao aluno desenhos prontos para colorir. Este tipo de prática advém da pedagogia tradicional nas aulas de Arte descrita por Fusari e Ferraz (2009), em que o processo de aquisição do conhecimento é produzido por meio de elaborações intelectuais baseadas nos modelos propostos pelos adultos, que no caso relatado ficam por conta de desenhos prontos para pintura.

Imagem 7: Para colorir

QUADRO "ANTROPOFAGIA" DE TARSILA DO AMARAL



Fonte: <http://douglasdim.blogspot.com/2012/02/obras-de-arte-em-preto-e-branco-colorir.html>

Segundo consta em Paraná (2008), as aulas de Arte devem oferecer aos alunos bem mais que desenhos para pintura, Há que proporcionar conhecimento estético e de produção artística de maneira a estimular a crítica, permitindo ao aluno perceber a Arte como forma de construir uma sociedade com menos desigualdades e injustiças, possibilitando melhor compreensão da realidade em que está inserido.

O professor de arte, no senso comum, é considerado dentro da escola um faz tudo, pelos colegas e alunos. O ensino de arte é considerado um momento de descanso, lazer ou adorno para os alunos, um verdadeiro descaso com a disciplina. A falta de formação, por mais necessária que seja no desenvolvimento da disciplina, não é o único fator que atrapalha, mesmo os professores formados na área, também apontam dificuldades para a atuação.

Leia também o Boletim Arte na Escola que traz a opinião de alguns profissionais da área quando são questionados: É possível ser um bom professor sem formação específica?

Não se afirma que esta deficiência na formação dos profissionais seja um problema exclusivo da região, assim como também não se considera que isso ocorra apenas nessa área do conhecimento. Porém, nota-se que há uma tendência em se hierarquizar o conhecimento, nivelando as disciplinas escolares. De acordo com Forquim (1992) a

própria história das disciplinas escolares permite observar que há uma seleção cultural das disciplinas consideradas mais, ou menos, importantes, o que causa desafios de várias ordens.

Forquin (1992, p. 42) destaca que: “[...] no interior de um mesmo currículo, certas matérias ‘contam’ verdadeiramente mais que outras, seja por seus horários, seja por seus pesos relativos na avaliação que é feita dos alunos”. Isso é facilmente percebido no dia a dia, nas falas sobre as impressões que alunos e professores têm em relação às disciplinas, sendo a Arte ligada às de menor importância.

Ainda com tantas dificuldades, há um movimento crescente em detrimento da arte e sua prática pedagógica adequada em todos os níveis de ensino. Canda e Batista (2009) afirmam que os professores compreendem a importância da arte no currículo, porém, atribuem à disciplina um lugar desprivilegiado, tanto no currículo como na sua compreensão escolar errônea, concebendo-a como atividade recreativa, acionada em datas comemorativas e cívicas.

Por conta disso, a organização do currículo escolar e a prática pedagógica no ensino fundamental tendem a reproduzir os mesmos modelos aprendidos nos campos da formação inicial do educador. Ou seja, sem uma vivência participativa em arte, torna-se difícil para este profissional estimular a prática artística e o potencial criativo dos seus educandos no cotidiano escolar. (CANDA & BATISTA, 2009, p. 109-110).

A formação adequada do profissional que trabalha com arte é indispensável. É fundamental que conheça e tenha experiências artísticas, que promova a disciplina como potencial tanto intelectual como sensível na formação integral do indivíduo. Além disso, destaca-se a importância da formação continuada dos profissionais, seja por meio das ofertas institucionais ou por empenho individual, afim de que se obtenha conhecimento sobre práticas pedagógicas adequadas ao trabalho de ensino da Arte.

Além do exposto anteriormente, faz-se necessário pensar na atuação docente também em relação à sua postura. Sabe-se que os tempos são difíceis e que o magistério dentre tantas outras exigências, carece de muita paciência. E é importante que durante a prática do Estágio isso seja levado em consideração.

Analise os vídeos abaixo:

Vídeo 1

Vídeo 2

Tais atitudes apresentadas nos vídeos são corretas? De que forma podemos manter a calma e lidar com as problemáticas de sala de aula?

Além dessas, muitas outras questões são levantadas acerca do universo que se estende na docência. Há que estar preparado para as mais diversas situações e sempre agir com cautela nos momentos difíceis. Em um trabalho de pesquisa intitulado *Os usos e as práticas do professor em sala de aula e a influência na formação do aluno*, Paola Prado Santos (2014), tece considerações interessantes acerca dos resultados do comportamento do professor, bem como de seus trajés. Acompanhe no *link*:

Os usos e as práticas do professor em sala de aula e a influência na formação do aluno.

Assim, indica-se que o estagiário pense nas tomadas de decisão, no comportamento como docente, use roupas discretas e confortáveis e, sempre que possível, usar jaleco, pois ele neutraliza a visão corporal do educador e, na maioria dos casos, já vem com o nome do professor. Caso não tenha, ou opte por não usar jaleco, providencie um crachá de identificação para facilitar a comunicação com os educandos.

Imagem 8: Ser professor



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fernandosholti/1767713568>

Materiais didático-pedagógicos em Arte

Dentre os vários aspectos do trabalho pedagógico em Arte, os materiais didáticos são componentes indispensáveis. Assim como descrito no processo metodológico, também não há uma receita única para o seu desenvolvimento, tudo depende do contexto social a que se destinam, do profissional que o planeja, pelo fato de que a construção relaciona as características do público alvo às intenções, influenciadas pelas experiências e saberes agregados pelo profissional proponente.

Não é novidade para nenhum educador que o uso de materiais didáticos potencializa a aprendizagem, em qualquer disciplina curricular, de qualquer área de conhecimento. Os materiais didáticos envolvem a ludicidade, a interação entre sujeitos, a troca de experiências e conhecimentos, o compartilhamento de saberes e prazeres, ajudando a criar um ambiente de descontração, que propicia a participação e a descoberta, possibilitando efetivamente que o aprendiz torne-se o protagonista de seus processos de construção de conhecimento. (HOFSTAETTER, 2015, p. 68).

O material didático-pedagógico é um componente primordial no planejamento de ensino, portanto considera-se que sua construção é comprometida. Afinal, o resultado dele, junto com outros itens do planejamento, prevê o ensino de qualidade, de modo adequado e instigante.

O material didático faz com que o aluno se envolva nas propostas do docente, torna-o crítico, construindo o próprio conhecimento. É uma ação complexa da atividade pedagógica e, de acordo com Hofstaetter (2015), não basta que contenha elementos lúdicos, contemple informações sobre os saberes selecionados ou que tenha uma boa apresentação, ele é um objeto único e contextualizado à realidade a ser aplicado.

Quando se pensa em se associar o material didático para o ensino-aprendizagem à realidade do aluno, Pimentel (2009) considera como “[...] uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político.”(p. 26). O material didático pedagógico perpassa o senso comum no qual é reduzido ao lápis de cor, caderno de desenho, pincéis, tintas, cola, tesoura ou ao livro didático com várias imagens de obras de arte, ou ainda, a projeção de imagens.

Imagem 4: Material didático



Fonte: <http://geradormemes.com/meme/41auik>

A construção de material didático impõe grande trabalho, comprometimento, criatividade e dedicação por parte do professor, afinal, é dele que partem as idéias, as conexões e a visão objetivada do conhecimento. Pimentel (2009) considera tal prática como um desafio ao profissional da área que é um pesquisador, conhecedor de métodos, está inserido no contexto artístico vivenciando experiências estéticas cotidianamente. Como salientado por Ferraz e Fusari (2009), essencial para ser um bom profissional de ensino da Arte é “[...] saber arte e saber ser professor de arte.” (p. 150)

Para refletir: Desafio de um formando em Artes

Como um dos principais responsáveis pelo processo educativo, cabe ao professor a tarefa de planejamento e valorização do ensino pois, tanto o seu trabalho como os resultados na disciplina de Arte serão consideráveis. Outro fator preponderante, apontado por Loyola (2016) é que “[...] o Professor é a pessoa mais indicada a pensar, pesquisar e produzir o material didático-pedagógico, articulando-o com o contexto dos alunos e do lugar, e é sua tarefa, também, elaborar a melhor metodologia para desenvolver suas aulas.”(p. 14) A preocupação do autor referente à contextualização se dá pelo fato que um material didático pensado para um público, dificilmente será acertado para outro. É necessário que o docente acerte nas escolhas, levando temas

e procedimentos estimuladores à aprendizagem do seu público e que façam parte do currículo da arte, tal como no exemplo:

Se o Professor vai pensar material didático-pedagógico para uma aula ou projeto, e a proposta se baseia em uma obra do artista Hélio Oiticica, por exemplo, na qual ele propõe o uso da cor e a intervenção no espaço de um ambiente, não será, provavelmente, apenas a apresentação de imagens no livro impresso que provocará nos alunos o desejo de engajamento nas proposições estéticas do artista. É preciso ir além e pensar e abordar também o espaço no qual acontece a aula ou experiência. (LOYOLA, 2016, p. 15).

Preocupam as concepções de materiais didáticos pedagógicos, implicando em reflexão estética, ou seja, pesquisa e vivência do professor. O autor compreende que os materiais didáticos vão além de instrumentos ou objetos. Eles abarcam idéias, proposições para a construção do conhecimento em Arte. Como lembrado por Loyola “O material, por si só, não conduz à experiências significativas, já que é essencial a sua associação com as questões estéticas e com os referenciais artísticos pensados para cada proposta, bem como o envolvimento e a subjetividade dos alunos.” (2016, p. 16).

Portanto, a complexidade na compreensão sobre materiais didático-pedagógicos é complexa, porém não impossível de ser alcançada. Assista ao vídeo abaixo e veja mais algumas considerações acerca da temática.

Abordagens sobre o Material- Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais- EBA- UFMG

Além disso, existem diversos *sites* que contribuem com materiais didático- pedagógicos de qualidade para a elaboração do planejamento do professor. Um exemplo é o Portal Dia a Dia Educação do governo do Estado do Paraná. Há uma área de Arte, específica de Recursos Didáticos, em que é possível acessar áudios, imagens, fotografias, artigos, trechos de filmes, entre outros. Veja você mesmo!

SEED - Recursos Didáticos

Outro *site* que também tem um acervo bastante abrangente e específico de Arte é o Rede Arte na Escola. Nele é possível acessar uma midiateca com documentários, *kits* educacionais e vídeos. Há uma aba de planejamento em que é possível pesquisar por temáticas e encontrar materiais educativos, boletins, informativos, publicações, entre outros. Visite e faça bom proveito dos materiais!

Rede Arte na Escola

Avaliação em Arte

Há muito discute-se a avaliação, principalmente no que diz respeito à Arte. É um tema complexo para se discutir e colocar em prática e, na disciplina de Arte, isso se agrava pelo seu caráter um tanto quanto subjetivo. Avaliação, ou a prova, traz consigo toda uma simbologia dentro do contexto estudantil: diz respeito a estar ou não estar apto, dificilmente é encarado como um processo formativo.

Uma professora brasileira num curso de formação, em Porto Alegre pronunciou-se:

“Um dos mitos da educação artística [agora arte], e ao mesmo tempo uma das razões de sua pouca consideração na escola, é que muitos docentes pensam não ser necessário avaliá-la.” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 144).

São constantes as dúvidas do que pode ser avaliado em Arte. Como se dá esse processo? Quais os tipos de avaliação? Mais que isso, também há uma compreensão de senso comum que concebe a avaliação como o processo que atribui notas ao aluno, torna classificatório o ensino-aprendizagem.

Os estudos sobre avaliação apontam para uma abertura conceitual, investigadora, metodológica, ético-política, porém o atual contexto ainda a compreende como mecanismo de controle, medidas de êxito ou fracasso, embasadas em exames e provas. (BOHN; SILVA, 2013, p. 2).

As autoras veem a avaliação de uma forma mais ampla, que passa de burocrática para democrática. Tal concepção prevê a avaliação como uma possibilidade reflexiva do processo de conhecimento, como parte da aprendizagem e do processo formativo.

Ferraz e Fusari (2009), quando tratam da avaliação em Arte, reconhecem-na como um processo complexo, “[...] principalmente quando se refere ao estabelecimento de critérios e julgamentos sobre a produção expressiva e comunicativa (visual, dramática, musical, poética)” (p. 161). Uma das suas preocupações diz respeito também a “[...] uma possível descaracterização do verdadeiro sentido da ação avaliativa [...] que é constatar os percursos do aluno, ser formativa, responsável e transformadora.” (ibidem, p. 163-164).

Por isso, utilizando-se de Lukesi, as autoras sugerem três momentos para a prática avaliativa, para que esta se dê de forma mais criteriosa:

1. [assumir] um posicionamento pedagógico claro e explícito [...] de tal modo que possa orientar diuturnamente a prática pedagógica, no planejamento, na execução e na avaliação.

2. [...] conversão de cada um de nós, de cada professor, de cada educador, para novos rumos da prática educacional. Conversão no sentido de conscientização e de prática desta conscientização. Não basta saber que ‘deve ser assim’; é preciso fazer com que as coisas ‘sejam assim’.

3. [...] resgate da avaliação em sua essência constitutiva. Ou seja, torna-se necessário que a avaliação educacional, no contexto de uma pedagogia preocupada com a transformação, efetivamente seja um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade para uma tomada de decisão. Os dados relevantes não poderão ser tomados ao léu, ao bel-prazer do professor, mas eles terão que ser relevantes de fato para o que se propõe. Então, a avaliação estará preocupada com o objetivo maior que se tem, que é a transformação social. (LUCKESI, 1986, *apud* FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 162-163).

Para saber mais sobre a avaliação na concepção de Luckesi, assista ao vídeo indicado, que estuda o assunto, vendo na avaliação uma aliada do processo educacional no cotidiano, optando por atividades educativas de qualidade e de eficiência.

Avaliação da aprendizagem - Cipriano Luckesi

Assim como Ferraz e Fusari (2009), Hernández (2000) também considera que existem várias formas de recolher informações sobre os alunos, no entanto, para que ela seja representativa para a aprendizagem precisa ser organizada, por isso ele divide esse processo em três fases. Na primeira, chamada de avaliação inicial, Hernández (2000) aponta a necessidade de detectar os conhecimentos que o aluno já possui, objetivando também coletar informações sobre as formas como aprendem. O segundo momento se destina à avaliação formativa, cuja finalidade é ajudar o aluno a progredir na construção do conhecimento. É o momento de ajustes, por parte dos professores, para a adequação de objetivos de aprendizagem dos alunos. Para finalizar, o autor toma a avaliação somativa como o momento de identificar o que o aluno compreendeu, quais os resultados obtidos.

Como síntese do processo descrito, analise o quadro abaixo, em que o autor descreve todo o processo avaliativo no desenvolvimento de um projeto de trabalho, com crianças de faixa-etária entre 6 e sete anos, que toma como base o artista El Greco:

Quadro 2 –Um exemplo de três momentos na avaliação

Avaliação inicial	<p>O projeto sobre El Greco começa com a preparação da visita à exposição. Foram feitas três perguntas à turma:</p> <ul style="list-style-type: none">- A que museu vamos?- De quem é a exposição?- Como era a geografia e a época de El Greco? <p>A partir de um vídeo sobre El Greco, material da imprensa, informação do museu e diferentes livros, traçou-se um primeiro inventário de respostas.</p> <p>Da primeira informação, surgem as perguntas que guiaram a pesquisa do projeto de visita à exposição. Algumas dessas perguntas foram:</p> <ul style="list-style-type: none">-El Greco copiava de um modelo ou imaginava?- De onde tiram todos os quadros para fazer uma exposição?- Como o rei sabia quais os pintores que havia para encomendar-lhes um quadro?- Se recebesse a encomenda de pintar um São Paulo, como saberia como era o seu rosto?- Por que pinta tantos personagens mortos?- Por que sempre aparece uma caveira? Por que faz tantos detalhes, como a roupa, quando pinta as personagens? Por que faz os personagens ricos com roupas tão bonitas, e os pobres aparecem nus e com sangue?- Por que todos os quadros têm luz?- Por que aparecem deuses e santos em todos os quadros?- Por que, no “Conde Orgaz”, os padres velhos têm umas coisas na cabeça e os jovens não têm nada?- Por que todas as virgens, Marias e as Madalenas, têm crianças em volta?- Por que morrem mais mulheres do que homens?- a pomba que aparece em alguns quadros é a pomba da paz?- quem escolhia as cores escuras, ele ou o rei?
-------------------	---

continua...

...continuação.

<p>Avaliação do processo (resumo de algumas atividades.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Num mapa-mundi, foram destacadas as cidades em que El Greco viveu. Foram lidas informações da imprensa em torno da exposição, o que serviu para que os alunos se familiarizassem com palavras ou expressões como retratista, a imagem se destaca do fundo, o primeiro quadro de um pintor espanhol pintando no ato de pintar, seleção de pinturas, etc.- Durante a visita à exposição, a relação com as monitoras é baseada em perguntas que giram em torno do significado dos símbolos que aparecem nos quadros e do caráter religioso dos mesmos. Também sobre as questões que haviam surgido em sala de aula.- uma vez realizado o primeiro percurso pela exposição, os alunos foram divididos em duplas às quais foram entregues uma cópia colorida de um (ou vários) quadro sobre o mesmo tema, mas pintado por outro pintor da mesma época de El Greco. Foi pedido que detectassem semelhanças e diferenças.- De volta à escola, foi criada uma lista dos símbolos que foram vistos e foram escritos seus significados. A caveira – a morte; a hera – sempre juntos; as chaves – vigilante do céu; túnica vermelha – sofrimento; livros – gostavam de ler; Colônia – quando jovem havia-se portado mal; a espada – matar.- Depois foi pedido que procurassem, em suas casas, símbolos atuais, e, em grande grupo, chegou-se a uma definição de símbolo: “é um desenho que quer dizer alguma coisa, e que nem todos entendem, pois são de um lugar ou nossos”.- Depois se pesquisou o que queria dizer “El Greco tem influências de outros pintores”. A síntese dessa questão foi: ter influências não é copiar, é aprender a fazer uma coisa que se quer aprender e se encontra em outros pintores, e se tenta fazê-la.- Depois de assistir ao vídeo com o qual se começou o projeto, observou-se as influências na obra de El Greco: De Tiziano: a maneira de fazer os personagens, como os coloca e aluz. De Tintoretto: a expressão, a perspectiva e a arquitetura. [...]
---	--

continua...

...continuação.

Avaliação final	<p>Para avaliar o projeto, foram apresentados diferentes temas pintados por El Greco, aos quais se acrescentou outras obras do mesmo tema, mas pintadas por outros pintores da época. As séries foram distribuídas por grupos aos quais se perguntou: como você reconhece e sabe que um quadro é de El Greco e por quê? Questões de espaço nos impedem de mencionar todas as respostas, mas as mais freqüentes foram: os símbolos, a forma de alongar as figuras, a forma de pintar as mãos, etc.</p> <p>A segunda parte da avaliação constituiu em entregar-lhes o portfólio com toda a trajetória que haviam realizado e perguntar-lhes: Em que momento você mais aprendeu? Novamente razões de espaço não nos permitem recolher as respostas e apresentá-las da maneira como as organizamos, mas é importante destacar que, por meio dessa experiência de auto-reflexão, os alunos reconstruíram o processo seguido e destacaram as situações mais significativas desse trajeto.</p> <p>Com ele, mostraram que os meninos e meninas de seis e sete anos, quando se aproximam da cultura visual pela perspectiva da compreensão (nesse caso, em torno de aspectos relacionados com a representação de ideias), podem aproximar-se de questões não-previstas pelos especialistas curriculares, como os símbolos, as influências, o tempo histórico, a relação geográfica o papel da luz nas obras pictóricas, etc.</p> <p>Talvez os comentários de Carlota (<i>El Greco não seguia as normas daquela época em seus quadros</i>), Cristina (<i>o que diz na página 3 me interessou muito, porque fala sobre como era a vida no século XVI</i>), Ferran (<i>no mapa, porque agora sei onde são os países por onde El Greco viajou</i>) e Maria (<i>no trabalho em que se falava das influências da arquitetura de Tintorerro e da luz de Tiziano. El Greco não copiava</i>) podem servir de síntese de algumas aprendizagens realizadas no projeto.</p>
-----------------	--

Fonte: (HERNÁNDEZ, 2000, p. 151-152).

Para aprender mais sobre o artista El Greco, citado nos exemplos avaliativos do quadro anterior, visite o *site*.

Nesse sentido, faz-se indispensável também abordar as características avaliativas previstas nas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) da Educação Básica do Estado do Paraná. De acordo com o descrito, a concepção de avaliação da disciplina é que seja diagnóstica e processual:

É diagnóstica por ser a referência do professor para planejar as aulas e avaliar os alunos; é processual por pertencer a todos os momentos da prática pedagógica. A avaliação processual deve incluir formas de avaliação da aprendizagem, do ensino (desenvolvimento das aulas), bem como a autoavaliação dos alunos. (PARANÁ, 2008, p. 81).

Além de manter a perspectiva dos autores consultados anteriormente, a avaliação tal como está descrita nas DCE – Arte, também seguem a padronização advinda da LDBEN n. 9.394/96, art. 24, inciso V, que prevê que a avaliação é “[...] contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.” (BRASIL, 1996, s/p).

Além das fases e formas de avaliar como processo, é preciso saber quais instrumentos e critérios podem ser tomados na avaliação,

tornando o assunto mais próximo da realidade didático-pedagógica. Pensando naquilo que pode ser avaliado em arte, Hernández considera alguns aspectos:

- O conhecimento e a compreensão sobre os problemas relacionados com a arte, as obras e os artistas.
- A capacidade de dar forma visual às idéias.
- A argumentação que apóia temas e questões relativas à arte e de seus significados.
- A curiosidade, a inventividade, a inovação, a reflexão e a abertura à novas idéias.
- A clareza no momento de expressar idéias, de maneira oral e escrita, sobre a arte.
- O fato de expressar e sintetizar idéias nas discussões sobre arte ou sobre produções artísticas.
- A diferenciação das qualidades visuais na natureza ou no meio humano.
- A participação ativa em todas as atividades.
- A competência na utilização das ferramentas, dos equipamentos dos processos e das técnicas relacionadas com as diferentes manifestações da cultura visual.
- As atitudes para as manifestações artísticas e seu papel na vida das pessoas. (2000, p. 162).

Apesar de ter uma inclinação às artes visuais, subentende-se que tais aspectos avaliativos também se adaptam às demais linguagens, além disso, não se esgotam nesta listagem, apenas é um indicativo do caminho que pode ser tomado.

Como proposta de aprofundamento acompanhe os *slides* sobre instrumentos e critérios avaliativos.

De modo geral, quando concebida a avaliação direcionada ao ensino aprendizagem de Arte, há que se considerar que não se trata apenas de mensurar o produto final. É a análise de todo processo, mesmo porque, nem sempre os resultados em Arte refletem nos saberes relacionados àquela prática. Outro ponto importante, destacado por Ferraz e Fusari (2009), é a necessidade de se deixar claro ao aluno como e quais aspectos estão sendo avaliados durante o processo de ensino. A avaliação não é um elemento surpresa ou de repressão para os alunos, eles devem ser sujeitos ativos neste processo ajudando a constatar o que foi aprendido e o que precisa ser ajustado e retomado.

Cabe ao professor determinar os meios pelo qual ele poderá avaliar individualmente o aluno e também o seu trabalho pedagógico. É ele que determina quais os instrumentos (portfólio, livro de atos, auto-avaliação, prova, pesquisa, processos criativos, entre outros) são mais adequados em cada momento do projeto de ensino e, certamente, pode ser variado para alcançar todos os alunos.

Leia também o artigo de Marisa Szpigel publicado no *site* da Nova Escola em 2014, que aborda Instrumentos para a avaliação processual em Arte.

Considerações finais

Após adquirido o conhecimento acerca das temáticas abordadas no material, é possível visualizar que o planejamento da prática educativa em Arte é um dos fatores indispensáveis do processo, que faz com que a disciplina seja reconhecida na escola, pela sua importância do desenvolvimento do indivíduo, durante a formação. Para tanto, é necessário que a disciplina de arte seja pensada e desenvolvida de forma a atender às reais necessidades do público escolar para que ele consiga compreender os saberes e associá-los ao cotidiano.

Nesse sentido é que se apresentou a discussão acerca da metodologia, dos materiais pedagógicos e da avaliação no planejamento em Arte. Observou-se que cada item relaciona-se diretamente com o público a que se destina e com as experiências e propostas do professor. É um trabalho complexo, que envolve o empenho, a dedicação e, principalmente, a sensibilidade do professor de Arte.

No entanto, é importante ressaltar que o presente material se dedicou a pensar na ação pedagógica do docente, mas é preciso considerar toda a comunidade escolar como proponente do planejamento escolar.

Lembre-se!

A ação de planejar [...] não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo: é antes, a atividade consciente da previsão das ações docentes fundamentadas em opções político-pedagógicas e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas, isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino. (LIBÂNEO, 1990, p. 222).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Ivone Castilho Benedeti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIASOLI, Carmem Lúcia Abadie. **A formação do professor de Arte: do ensaio... à encenação**. Campinas: Papirus, 1999.

BOHN, Leticia Ribas Diefenthaler; SILVA, Carla Clauber da. **Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_3177_texto.pdf, acesso em: 15/05/2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996.

CANDA, Cilene Nascimento; BATISTA, Carla Meira Pires. Qual o lugar da Arte no currículo escolar? **Revista Científica FAP**. Curitiba, v.4, n.2 p. 107-119, jul./dez. 2009.

FERRAZ, Maria. Heloísa. C. de; FUSARI, Maria. F. de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FORQUIN, J. C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n.5, p. 28-49, 1992.

FUSARI, José Cerchi. **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo: SE/ CENP, 1988.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed: 2000.

HOFSTAETTER, Andrea. Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais. In: 24º encontro da ANPAP – Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões, 22 a 26 de setembro de 2015, Santa Maria-RS. **Anais...**(on-line). Santa Maria – RS: ANPAP, 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf. Acesso em: 20/05/2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. 3.ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOYOLA, Geraldo Freire. **PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR:** Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. Tese (Doutorado em Artes) Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2016. 113 p.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Arte. Curitiba: SEED, 2008.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de artes visuais. In: _____ (org.). **Curso de especialização em ensino de artes visuais 1.** Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2009. p. 24-37.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Ms^a. Eglecy Lippmann
Coordenador Geral Curso

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crissi Knuppel
**Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do
Curso**

Prof. Ms. Felipe Rodrigo Caldas
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms^a. Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Luiz Fernando Santos
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

Creativeart / Freepik
Elementos gráficos